



MUNDI

CULTURA EM REVISTA

#04

agosto/2021

ISSN 2763-7670

Porto

Belize

um diálogo entre a cultura e o vinho às margens do Douro

o legado dos maias e outras experiências no país caribenho

HAITI

análise da crise política e humanitária que assola o país

ENTREVISTA

Nunca negocie sua essência, Fernanda Dora conversa com Vivi Duarte

MÚSICA

As paisagens e tradições do Pampa como inspiração

HISTÓRIA

A trajetória de Cleópatra VII na coluna do HistoriCast

LITERATURA

Oblómov, de Ivan Goncharóv, na dica da Bamboletras



nesta edição

7

capa

Porto
por Chay Amorim

20

notas em pauta

Um Pampa musical
por Olinda Allessandrini

28

arte

A traição das imagens:
algumas notas sobre arte
e política
por Guilherme Mautone

33

arquitetura

Licurgo: um palácio da
justiça para Porto Alegre
por Guilherme de Almeida

38

na estrada

Belize
por Maria Virginia Ribeiro

46

modateca

A moda no museu
por Renata Fratton

48

radar

A crise no Haiti
por Bruno Segatto

53

em rota

Varsóvia celebra Chopin
por Tiago Halewicz

56

bem-estar

Óleos essenciais e seus
benefícios
por Tarissa Moreira

60

escrita criativa

Uma carta do além
por Margaret Marchiori Bakos

63

drops literários

Oblómov, de Ivan
Gontcharóv
por Milton Ribeiro, da Livraria
Bamboletras

67

cinema

Os festivais de cinema na
pandemia
por Carla Oliveira

70

entrevista

Nunca negocie sua
essência - Entrevista com
Vivi Duarte
por Fernanda Dora

75

viajante casamundi

Islândia, Eloá Almeida

78

historicast

Revisitando Cleópatra VII
por Kelvin Silva, Guilherme
Zabel, Gabriel Giacomazzi e
Lucas Delwing

quem fez

TIAGO HALEWICZ

Editor da MUNDI, Tiago Halewicz é diretor cultural e sócio da Casamundi. Como viajante, conduz grupos por todos os continentes, compartilhando o seu conhecimento multidisciplinar. É autor de dois livros e já realizou curadoria e organização de várias exposições, mostras de cinema e concertos.

✉ tiago@casamundi.com.br



CHAY AMORIM

Uma das sócias da Casamundi, Chay é apaixonada por tudo o que faz evoluir. Há anos busca ferramentas e terapias de autoconhecimento. Adora estar junto à natureza e praticar atividades ligadas ao bem-estar.

Além de viajar, não abre mão dos seus momentos de relax ao fim do dia, de preferência na companhia de um bom chá ou um bom vinho. A Chay é curadora da coluna 750 ml, e ao lado da Fernanda Morassutti, da coluna Bem-estar.

✉ chay@casamundi.com.br



GUILHERME MAUTONE

Doutor em Filosofia, editor de Filosofia da Revista Philia – Filosofia, Literatura e Arte e membro integrante do Núcleo de Pesquisa sobre Filosofia, Literatura e Artes da UFRGS. Guilherme publica nas áreas de Filosofia da Arte, Artes Visuais e História, Teoria e Crítica de Arte e é docente da Casamundi.

✉ guimautone@gmail.com



OLINDA ALLESSANDRINI

Considerada uma das mais versáteis pianistas do país, conquistou vários Prêmios Açorianos pela dedicação e pesquisa sobre música brasileira e latinoamericana. Sua discografia apresenta 11 CDs solo, 14 CDs como pianista convidada e um DVD, "pamPiano", com direção do cineasta Caio Amon. Desde 2018 é responsável pela coordenação e apresentação dos recitais de música de câmara nos Festivais "Gramado in Concert".
Foto: Cristine Rochol.

✉ olindapiano@gmail.com



CARLA OLIVEIRA

Médica apaixonada por literatura e cinema, é membro do Sarau Literário Vera Gerzson, do Cineclubes Academia das Musas e da ACCIRS.

✉ carla.oliveiradeoliveira@gmail.com



THIRZA MOREIRA

Produtora executiva e revisora da MUNDI, a Thirza é relações públicas e especialista em comunicação estratégica. É ela quem lança sobre a Casamundi um olhar global, tanto na organização das atividades como no relacionamento com docentes e frequentadores. Fascinada por explorar outras culturas e apreciadora da diversidade, já desbravou diversos países. Determinada a sempre ir além, faz da literatura uma grande aliada.

✉ thirza@casamundi.com.br



FERNANDA MORASSUTTI

Curadora da coluna Na Estrada ao lado de Maria Virginia Ribeiro e da coluna Bem-estar ao lado da Chay, Fernanda sempre associou turismo e cultura ao seu trabalho. Curiosa desde cedo, já explorou os vários continentes, não deixando de conhecer intimamente o Brasil. Vivenciar novas culturas é uma paixão pessoal. Sócia e diretora comercial da Casamundi, desenha roteiros de viagem e cria produtos de turismo, incluindo as viagens dos grupos especiais da empresa.

✉ fernanda@casamundi.com.br



M. VIRGÍNIA RIBEIRO

Maria Virginia Ribeiro é curadora da coluna Na estrada ao lado de Fernanda Morassutti. Ela é formada em Relações Públicas e é pós-graduada em Gestão de Negócios. Trabalha com turismo desde 1994, sendo especialista em atendimento a clientes corporativos e de lazer. Entre as viagens que já fez, destacam-se quase todo o Brasil, Chile, Argentina, Peru, México, Estados Unidos, Tailândia, Jordânia, Irã, Turquia e boa parte da Europa.

✉ virginia@casamundi.com.br





UM PAMPA MUSICAL

por Olinda Alessandrini

*Austeras casinhas apenas se aventuram, abrumadas por imortais distâncias,
a perder-se na profunda visão de céu e de planura.*

Jorge Luis Borges, *As Ruas*

Existe uma cultura peculiar na região constituída pelas planícies dos Pampas que, através de fronteiras permeáveis, abrangem grande parte do Estado do Rio Grande do Sul, também o Uruguai e grande parte da Argentina. O Rio Grande do Sul, único estado brasileiro associado ao Pampa, apresenta características físicas que, no processo de colonização, dificultavam os acessos pelo Norte. Estes eram principalmente o “paredão” de 700 metros dos

Aparados da Serra, a Lagoa dos Patos, e uma costa marítima sem nenhuma possibilidade de ancoragem. Ao contrário, pelo Pampa, ou seja, pelo sul, não existiam barreiras, o que provocou a integração física, comercial e cultural das três nações.

A topografia desse bioma e a história em comum criam laços unindo esses países. As semelhanças nas rotinas da vida diária, nos costumes, no linguajar, fazem com que se afirme uma



personalidade própria da região, projetando a imagem do gaúcho-mito. As lendas, as paisagens, as distâncias, o silêncio, as danças, a monotonia, as lides campeiras, a música, — o comportamento, a alimentação, criam pontos de interesse em que as semelhanças ficam evidentes e apresentam-se como excelente temática para estudo.

A cultura pampiana tem sido fonte de inspiração para escritores, em prosa ou

em verso, para artistas plásticos, cineastas e músicos. Linguistas estudam a interpenetração do espanhol e português, gerando uma linguagem peculiar. Cyro Martins em seus escritos sobre o “gaúcho a pé” desmistifica o ser lendário, mostrando a dura realidade da vida no campo. Cineastas retomam aspectos históricos e heroicos. Para os artistas plásticos, o Pampa é sempre fonte de cores e luzes. Para os poetas, um precioso tesouro. Estudos específicos



têm sido realizados sobre as manifestações musicais em suas origens. E compositores acadêmicos aplicam sua técnica e imaginação apoiados nestas mesmas raízes musicais, elaborando suas obras como retratos de seus estilos individuais.

A alma musical dessa paisagem de planícies e coxilhas foi sendo delineada ao longo dos séculos. Sofreu as mais variadas influências, estando ainda hoje em processo de transmutação, não fugindo da tendência global de absorção de outras culturas e principalmente de utilização dos meios eletrônicos cada vez mais aperfeiçoados.

Pouco sabemos sobre a música do elemento autóctone, do indígena do período anterior à chegada dos

europeus. Espalhadas pelo continente americano, centenas de tribos apresentavam diferentes características: comportamento, idioma e costumes. Baseados em modernos estudos sobre culturas anteriores à colonização europeia, podemos presumir que a música do índio sul-americano fosse acoplada à dança, com objetivos festivos ou religiosos, apoiada na percussão, na utilização de rudimentares instrumentos de sopro, e apresentando melodias simples em escalas pentatônicas.

Ao fundar as chamadas “reduções”, os missionários agruparam e fixaram o índio. Com o objetivo de catequizar, incorporavam textos bíblicos à música nativa, bem como acoplavam ao canto gregoriano histórias religiosas traduzidas para as línguas indígenas.

Nas regiões fronteiriças, as reduções jesuíticas propiciaram uma experiência única, a partir do século 16 até meados do século 18, criando redutos organizados, em que estabeleceu-se um estilo de vida europeizado, reforçado pela catequização, o que provocou um longo processo de aculturação do índio. Na música, o canto gregoriano, bem como composições do mais puro estilo clássico, mesclaram-se ao canto monódico sem artifícios dos indígenas. Como complementação, instalou-se lentamente a influência dos ritmos e melismas espanhóis e das modinhas portuguesas.



Índio charrua, por Jean-Baptiste Debret

O índio pampeiro era "dócil" e, de acordo com relatos de época, extremamente musical. Em meados do século 17, o Padre Vaisseau havia criado em cada redução uma escola de canto coral, música e dança, onde se aprendia a tocar todos os tipos de instrumentos cujo uso é permitido nas igrejas. De acordo com cartas, tiveram os índios pouco trabalho para aprender a tocá-los como verdadeiros mestres. Aprenderam a cantar pelas notas mais difíceis. Diariamente os músicos estudavam o canto e os instrumentos por algumas horas. Como em toda a história da humanidade, o "inferior" curva-se ante a supremacia do "superior", e absorve a cultura do outro, em detrimento da sua própria. Por isso, a influência indígena na música do Pampa é mínima.

Ao fundarem as chamadas "reduções", os missionários agruparam e fixaram o índio. Com o objetivo de catequizar, incorporavam textos bíblicos à música nativa, bem como acoplavam ao canto gregoriano histórias religiosas traduzidas para as línguas indígenas.

As características da música europeia ocidental firmaram sua presença. Absorveu-se aqui a influência estética do barroco, passando pelo clássico, e espalhando-se no período romântico.

Merece uma especial atenção a habanera, representativa da presença indireta do africano, e da qual deriva grande parte da música pampiana. A origem desse gênero é motivo de inúmeras especulações por parte dos etnomusicólogos. Entretanto, há um consenso de que o ponto de partida

seria a *country dance* inglesa do século 17, estabelecida como *contradanza* na Espanha no século 18. Levada ao Caribe pelos marinheiros, viajantes e aventureiros — e em contato com os mestiços hispano-africanos, em especial na região portuária de Havana —, acontecem sutis transformações: o ritmo medido e rígido da dança europeia torna-se mais flexível aos requebros dos africanos, a própria dança adquire conotações dolentes e as melodias incorporam-se à música popular cubana. Neste cruzar de oceanos, a habanera retorna à Espanha, e da Península Ibérica vem aportar na América do Sul, por volta da segunda metade do século 19. Na região centro-leste do Brasil, de forte mestiçagem

africana, a habanera adquire mais exatidão rítmica, transformando-se no lundu e no maxixe, este último mais vivaz, e que será o gerador de toda uma cultura musical nacionalista brasileira. Já a habanera que desembarca na região do Prata irá adquirir outras características, gerando a milonga, a vanera, o tango, e espalha-se pelo Pampa, com afinidades ao *modus vivendi* da região.

O romantismo europeu e o conseqüente nacionalismo musical entusiasmaram o mundo ocidental, tendo a maior influência na música erudita das Américas, portanto também nas manifestações musicais do extremo sul das Américas. Foram aqui adaptadas as danças europeias,



como por exemplo, a valsa vienense, que retorna à sua origem de *ländler* e reaparece como Valsa Campeira, ou então o *schottische*. Essa última, original da Escócia, foi enriquecida com síncopes e, assim, passou a chamar-se Chotes.

Diz Nikolas Slominsky, em seu livro *La Música de America Latina*, diz: *As formas europeias aclimatadas na América Latina adquirem o inconfundível acento latino.*

A presença do violão e do acordeon, fáceis de transportar, foram fundamentais. O enriquecimento rítmico com os instrumentos de percussão foi um legado dos indígenas e dos africanos levados à essa região. Não podemos esquecer o bater de palmas, a percussão em ossadas e o tilintar das esporas presas na bota do gaúcho, que acompanham os passos das danças. A voz, o grito do gaúcho cavalgando pelos Pampas, o ritmo constante do galopar e as danças nos momentos de lazer, todos estes elementos foram sendo incorporados na elaboração de uma linguagem musical.

A música do Pampa é uma combinação de todos os fatores aqui mencionados, mas sua alma está diretamente relacionada ao perfil do habitante da região, à paisagem de horizontes amplos, à rotina da vida diária, à rudeza das lides do campo, enfim, a um modo de vida característico.

Nada é estático, especialmente no mundo musical, e a mesclagem de ritmos, andamentos, melodias e harmonias originaram inúmeras derivações, que nos levam ao “acento pampiano”. As melodias são de muita



simplicidade, com grande incidência de sons próximos, com presença de terças paralelas, e usando com muita frequência a escala descendente. Muitas vezes as frases musicais são de oito compassos, acompanhando a métrica da poesia em quadras. A maneira de cantar está diretamente relacionada ao modo de falar do gaúcho, com emissão forte, acentuando as sílabas no tempo fraco, lembrando a conversa nos galpões. As harmonias são

também muito simples. O ritmo tem grande importância, e aparece em binário ou ternário, com acentuação marcada nos tempos fracos. São comuns os compassos de seis tempos, superpondo em combinações de dois e três tempos, uma característica rítmica marcante que talvez seja a principal na alma da música pampeira, e que aparece incisiva nas danças masculinas. Bombos e alguns poucos instrumentos de percussão acentuam as peculiaridades rítmicas.

Pampa: posso ouvir-te nas tenazes violas sentenciosas, e nos altos bem-te-vis e no ruído cansado dos carros de bois que vêm do verão.

Jorge Luis Borges, *Ao horizonte de um subúrbio*



Em julho de 2002 fui convidada por Maria Helena Martins, Lygia Chiappini e Aymara Celia para participar do Seminário Internacional sobre Fronteiras Culturais em Berlim. Em convênio do Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins e do Lateinamerika-Institut der Freien Universität, a temática especificava a fronteira Brasil-Uruguaí-Argentina. Iniciei, então, uma pesquisa sobre o aproveitamento dos traços musicais do folclore regional por compositores eruditos destes três países.

Selecionei no repertório de música erudita para piano um conjunto específico de obras que representam estilizações do folclore musical pampiano. As obras escolhidas não são apenas harmonizações de melodias do folclore regional, mas sim elaborações criativas e originais, nos diferentes estilos de cada compositor, e que podem evocar os elementos fundamentais da vida e da natureza da região, em seus diferentes aspectos:

- a paisagem nativa, com sua melancólica monotonia, horizontes amplos, noites silenciosas;
- a rudeza da lide campeira, os gritos de aboio, a luta contra a natureza por vezes indomável;
- a presença vital do cavalo, com seu galopar rápido e compassado, a vencer as distâncias quase infinitas dos Pampas;
- as danças coreografadas e as vozes da terra através das canções folclóricas.

Este recital apresentado inicialmente em Berlim transformou-se no álbum pamPiano. Para ouvi-lo, basta escanear o código abaixo com a câmera do Spotify ou clicar [aqui](#). Em 2015, esse projeto cresceu e o pamPiano virou um filme com direção cênica de Caio Amon. A obra está disponível na íntegra no meu canal do [YouTube](#).



Foto: Caio Amon e Edu Rabin

EDITOR

Tiago Halewicz

PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL

Tiago Halewicz
Thirza Moreira

EQUIPE EDITORIAL

Chayenna Amorim
Fernanda Morassutti
Thirza Moreira
Tiago Halewicz

REVISÃO E PRODUÇÃO EXECUTIVA

Thirza Moreira

COLABORADORES

Bruno Segatto
Carla Oliveira
Fernanda Dora
Gabriel Giacomazzi
Guilherme de Almeida
Guilherme Mautone
Guilherme Zabel
Kelvin Silva
Lucas Delwing
Maria Virginia Ribeiro
Milton Ribeiro
Olinda Alessandrini
Renata Fratton

CAPA

Tiago Halewicz
Foto: Canva

IMAGENS

Pixabay, Unsplash, Creative Commons, Marcelo Donadussi, Marcello Casal Jr., U.S. Navy, Narodowy Instytut Fryderyka Chopina e arquivos pessoais.

ASSINATURA

cultura@casamundi.com.br

Av. Borges de Medeiros, 2500/1909
CEP 90110-150 Praia de Belas
Porto Alegre - RS
casamundi.com.br/cultura
cultura@casamundi.com.br



 cultura@casamundi.com.br

 [+55 \(51\) 99151-6885](tel:+55(51)99151-6885)

 facebook.com/casamundicultura

 [@casamundicultura](https://instagram.com/casamundicultura)

 www.casamundi.com.br/cultura